

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS - IECOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - FBIO

FRANCINEIA DA CONCEIÇÃO REIS

**UMA HISTÓRIA DE MULHERES: SABERES E PRÁTICAS DE CURA EM
JACAREQUARA, SANTA LUZIA, PARÁ**

BRAGANÇA, PARÁ
2025

FRANCINEIA DA CONCEIÇÃO REIS

UMA HISTÓRIA DE MULHERES: SABERES E PRÁTICAS DE CURA EM
JACAREQUARA, SANTA LUZIA, PARÁ

Trabalho de Curso de Graduação, apresentado como requisito à obtenção de grau, de Licenciada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Estudos Costeiros (IECOS), Campus Bragança.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos (IECOS/UFPA)

BRAGANÇA, PARÁ
2025

FRANCINEIA DA CONCEIÇÃO REIS

UMA HISTÓRIA DE MULHERES: SABERES E PRÁTICAS DE CURA EM
JACAREQUARA, SANTA LUZIA, PARÁ

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Ciências
Biológicas do Instituto de Estudos Costeiros, da
Universidade Federal do Pará em cumprimento às
exigências para obtenção de grau de Licenciada em
Ciências Biológicas.

Local e data da defesa: Bragança, Pará, 14 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos (Orientadora)
IECOS/FBIO/UFPA

Profa. Dra. Nelane do Socorro Marques da Silva (Examinadora)
IECOS/FBIO/UFPA

Profa. Dr. Dioniso de Souza Sampaio (Examinador)
IECOS/FACIN/UFPA

Dedico este trabalho aos meus pais,
Manoel Cosmo dos Reis e Francisca Paulina da Conceição,
Com Amor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus e senhor por me conceder a graça de ter chegado até aqui, por ter me sustentado quando nem eu acreditava mais em mim, senti sua proteção durante todo o tempo deste curso. Deus é bom e sempre bom!

Agradeço à minha família, em especial o meu esposo Antônio do Socorro Barros Nogueira, e às minhas filhas Adria Reis Nogueira e Andreza Reis Nogueira que foram o meu porto seguro para chegar até aqui;

Agradeço à minha orientadora por toda a sua paciência e dedicação;

Agradeço aos professores do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas que muito contribuíram para a minha formação;

Agradeço às pessoas que participaram da minha pesquisa, em especial as mulheres da minha comunidade Jacarequara, que me ajudaram na realização e conclusão deste Trabalho de Curso.

“Não apenas o sol e o verão, qualquer hora ou estação rende a sua cota de deleite; pois a toda hora e etapa corresponde a um estado d’alma, do mais esplêndido meio-dia à mais tenebrosa meia-noite.”

Ralph Waldo Emerson, “Nature” (1836)

APRESENTAÇÃO

A comunidade Quilombola de Jacarequara fica no município de Santa Luzia do Pará, abriga 273 pessoas que estão distribuídas em 55 famílias que mantêm vivas diversas práticas culturais e econômicas tradicionais como: agricultura de subsistência, extrativismo, artesanato, pesca e agricultura, que são fundamentais para sustentabilidade e manutenção de sua identidade.

Ao construir essa pesquisa minha intenção foi resgatar as histórias de mulheres que manuseiam ervas medicinais na comunidade de Jacarequara, acionando saberes ancestrais que são compartilhados de forma oral ao longo de muitas gerações. Estou imersa nessas histórias pois além de moradora dessa comunidade, sou neta de uma parteira e também produzo os medicamentos. Decidi realizar essa pesquisa sobre as práticas de cura, partindo do pressuposto que as mulheres das comunidades tradicionais são as principais detentoras de saberes relacionadas a saúde, às plantas medicinais e aos rituais de cura, sendo peças fundamentais para a manutenção da cultura e da vida comunitária

Esse relato de pesquisa foi formatado como artigo científico para ser submetido à Nova Revista Amazônica, revista que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA-UFPA). As orientações dirigidas aos autores encontram-se como apêndice no final do documento.

A elaboração desse trabalho acadêmico segue as determinações da Instrução Normativa nº 05 de 21 de dezembro de 2023 que regulamenta o Trabalho de Curso (TC) no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Pará.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 A comunidade Quilombola de Jacarequara	11
1.2 Minha Trajetória na Comunidade	15
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	16
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
3.1 Práticas de cura em Jacarequara: uma saber ancestral de mulheres	18
3.2 Na dinâmica dos saberes e hábitos cotidianos, a cura que vem das plantas ...	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
ANEXOS	28
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	
Roteiro da entrevista	
Normas de publicação – Nova Revista Amazônica	

UMA HISTÓRIA DE MULHERES: SABERES E PRÁTICAS DE CURA EM JACAREQUARA, SANTA LUZIA, PARÁ

Francineia da Conceição Reis¹

Sandra Nazaré Dias Bastos²

RESUMO: A comunidade de Jacarequara fica no município de Santa Luzia do Pará, abriga 273 pessoas que estão distribuídas em 55 famílias que mantêm vivas diversas práticas culturais e econômicas tradicionais como: agricultura de subsistência, extrativismo, artesanato, pesca e agricultura, que são fundamentais para sustentabilidade e manutenção de sua identidade. Nossa pesquisa teve como objetivo geral registrar e analisar as histórias de mulheres que manipulam ervas medicinais nessa comunidade para analisar como elas percebem seus conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais, como e com quem aprenderam essa arte na comunidade. Nesse caminho, realizamos entrevistas com três mulheres, denominadas Alecrim, Arruda e Cidreira, moradoras da comunidade e que praticam e preservam a arte de curar por meio de rezas e confecção de remédios caseiros a partir da utilização de plantas medicinais. Verificamos que os saberes são repassados ao longo de gerações, geralmente por mulheres que os consideram muito importantes, não apenas por garantir uma fonte adicional de renda, mas também, por atender uma comunidade que não tem acesso fácil ao sistema público de saúde. Nascidas e criadas na comunidade essas mulheres atuam na manutenção de uma tradição que se fundamenta em saberes ancestrais. Trazer para a academia o relato dessas mulheres nos envolve em um movimento de resistência e afirmação desses saberes, também nos leva a explorar as peculiaridades de uma Amazônia muitas vezes desconhecida e subestimada. Os saberes tradicionais são saberes da floresta, intrinsecamente atrelados a elementos da natureza, que acionados pelos seres humanos contribuem para a restituição e manutenção de sua saúde.

Palavras-chave: Práticas de Cura. Saberes das mulheres. Saberes da Tradição. Amazônia

ABSTRACT: The community of Jacarequara is located in the municipality of Santa Luzia do Pará and is home to 273 people divided into 55 families who maintain various traditional cultural and economic practices, such as subsistence farming, extractivism, crafts, fishing, and agriculture, which are essential for sustainability and the preservation of their identity. Our research aimed to record and analyze the stories of women who handle medicinal herbs in this community, in order to analyze how they perceive their knowledge about the use of medicinal plants, and how and from whom they learned this art in the community. In this way, we conducted interviews with three women, named Alecrim, Arruda, and Cidreira, residents of the community who practice and preserve the art of healing through prayers and the preparation of home remedies using medicinal plants. We found that this knowledge is passed down through generations, generally by women who consider it very important, not only because it guarantees an additional source of income, but also because it serves a community that does not have easy access to the public health system. Born and raised in the community, these women work to maintain a tradition that is based on ancestral knowledge. Bringing these women's stories to the academic world involves us in a movement of resistance and affirmation of this knowledge, and also leads us to explore the peculiarities of an Amazon that is often unknown and underestimated. Traditional knowledge is knowledge of the forest, intrinsically linked to elements of nature, which, when activated by human beings, contributes to the restoration and maintenance of its health.

Keywords: Healing Practices. Women's Knowledge. Traditional Knowledge. Amazon

¹ Graduanda em Ciências Biológicas – Universidade Federal do Pará, Campus Bragança

² Doutora em Educação em Ciências, docente da Faculdade de Ciências Biológicas do Instituto de Estudos Costeiros (IECOS/UFPA)

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe como objeto de estudo e análise a história de mulheres: saberes e práticas de cura na comunidade quilombola de Jacarequara, no município de Santa Luzia, no Estado do Pará. Decidi realizar uma pesquisa sobre as práticas de cura, partindo do pressuposto que as mulheres das comunidades tradicionais são as principais detentoras de saberes relacionadas a saúde, as plantas medicinais e aos rituais de cura, sendo peças fundamentais para a manutenção da cultura e da vida comunitária. Segundo Theotonio (2010), popularmente a prática da reza tem como objetivo curar, aliviar a dor ou a angústia de sentir algo que incomoda.

Os saberes, cosmovisões e práticas rituais espalhadas na comunidade quilombola de Jacarequara são ricas, múltiplas e precisam ser registradas, percebe-se que para juventude atual, manter esses saberes nas gerações não tem se mostrado uma prioridade. Nossa pesquisa traz à tona um sistema de crenças e saberes que impulsiona um modo de viver que se impõe e resiste ao longo dos tempos. O cuidado realizado pelas mulheres em comunidades tradicionais não é apenas uma prática de saúde, mas uma forma de existência e resistência cultural e política (Segato, 2014, p. 26).

Os saberes de cura das mulheres da comunidade de Jacarequara é recorrente sendo, na maioria das vezes, a única opção para o tratamento de diversas doenças, portanto esta pesquisa justifica-se por uma necessidade de se mostrar como no dia a dia essas mulheres convivem, atendem os enfermos, ensinam seus saberes e praticam a arte da cura. Toledo (2002) afirma que o conhecimento tradicional deve ser reconhecido como uma forma legítima de saber, capaz de dialogar com o conhecimento científico. Diante disso, consideramos que é importante descrever e conhecer a história de vida de três mulheres curandeiras da comunidade, não apenas para registrar suas vozes por meio das entrevistas, mas acima de tudo, para discutir a importância das atividades que desenvolvem na comunidade da manutenção e valorização dos saberes empírico que são compartilhados ao longo de gerações.

Dividimos este trabalho em dois momentos. Primeiramente trataremos aspectos históricos da comunidade de Jacarequara articulando-os com minha trajetória enquanto moradora dessa comunidade e estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Discutiremos a importância da escolha desse tema, reforçando a necessidade de conhecimento e valorização dos saberes tradicionais. Encerramos essa sessão descrevendo os objetivos gerais e específicos de nossa pesquisa, bem como os caminhos metodológicos percorridos.

Na segunda parte iremos apresentar e analisar os dados construídos trazendo como material empírico as falas de nossas interlocutoras de pesquisa para dialogar com a literatura pertinente. Nossa pesquisa que adota um caráter participante, de cunho qualitativo, pretende

compreender a realidade das mulheres da comunidade por meio do relato de suas experiências com as práticas de cura com a utilização de plantas para produção de chás, xaropes, pomadas a partir de todo saber acumulado ao longo de muitas gerações.

A intenção maior desta pesquisa de conclusão de curso, é contribuir para o difícil, mas desafiante e, na maior parte das vezes, muito prazeroso trabalho de pesquisador que diariamente ouve que os saberes tradicionais muitas vezes não se encaixam nas categorias de conhecimento epistemológico sério. Tem-se como objetivo geral registrar e analisar as histórias de mulheres que manipulam ervas medicinais na comunidade de Jacarequara em Santa Luzia, PA, e como objetivos específicos intencionamos: i) Discorrer sobre a história de vida dessas mulheres; ii) Analisar como aprenderam (e como ensinam) o uso das ervas; iii) Analisar como elas percebem seus conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais na comunidade.

1.1 A comunidade Quilombola de Jacarequara

Na atualidade são reconhecidas no Estado do Pará um total de 261 Comunidades Remanescentes de Quilombos, onde 56 tem título de território Quilombola (Fundação Cultural Palmares, 2020), dentre elas encontra-se Jacarequara, no município de Santa Luzia do Pará. Trata-se de uma comunidade negra no localizada no Nordeste do Estado do Pará que, segundo os mais antigos moradores, no começo de sua formação era composta apenas por três casas, pertencentes a três famílias. Os moradores sobreviviam da caça, pesca e principalmente da agricultura, e a comunidade era um local fechado e cercado por mata.

Segundo Almeida (2013) a comunidade de Jacarequara originou-se a partir do agrupamento de negros e índios fugidos da escravização em fazendas e engenhos da região bragantina, Maranhão, além de cidades e vilas situadas às margens dos rios Guamá, Capim, Acará (entre outros). Nas palavras do autor:

o antigo quilombo teria sido formado nas primeiras décadas do século XIX, pois é comum na fala dos moradores mais velhos da comunidade, ao serem indagados sobre a origem do quilombo, uma resposta que está relacionada ao período a partir da década de trinta do século XIX, isso é perceptível quando relatam sobre o movimento da cabanagem para eles chamados de “pega-pega” que teria sido o principal motivador da formação do Jacarequara, segundo eles os cabanos subiam o rio, invadiam fazendas, se apossavam dos animais e levavam os “pretos” para a “guerra”, então com medo dos cabanos e oprimidos pelos seus senhores, muitos escravos fugiam para o meio da mata e passavam a se organizar em comunidades independentes, uma delas viria a ser o Jacarequara (Almeida, 2013).

O termo Jacarequara é herança dos indígenas e seria uma junção das palavras “jacaré” e “quarar” que, segundo os Tembé, significa secar ao sol, enxugar. Desse modo, o nome da localidade deve-se à abundância de jacarés na região e ao hábito desses animais, quando a água do rio Guamá estava baixa, ficarem sobre as pedras “quarando” ao sol (Almeida, 2013).

Conforme dados do Censo de 2022, atualmente, Jacarequara abriga 273 pessoas distribuídas em 55 famílias (IBGE, 2023). A comunidade mantém vivas práticas culturais e econômicas tradicionais, como agricultura de subsistência, o extrativismo, artesanato, pesca e agricultura, que são fundamentais para sua identidade e sustentabilidade. Mota et al (2024) explicam que as principais atividades desenvolvidas pelos moradores do quilombo são a “agricultura, especialmente para o autoconsumo (mandioca, açaí, feijão e milho), o extrativismo animal (caça e peixes), o extrativismo vegetal (murumuru e açaí), a criação de pequenos animais e o artesanato”. Em geral, cada família dispõe de aproximadamente 18 hectares de terra para manter os sistemas tradicionais de cultivo e as áreas circunvizinhas de seus terrenos não são acessadas para a prática do extrativismo porque foram privatizadas. Os autores explicam que essa situação provoca mudanças de hábitos dentro do quilombo, como por exemplo, a prevalência do consumo de carnes oriunda da pecuária, maior homogeneização da paisagem e maior monotonia alimentar (em razão da redução de alimentos) o que leva os moradores à maior dependência da compra de gêneros ultraprocessados.

Na comunidade há duas igrejas: uma igreja católica e outra evangélica, uma associação de moradores e apenas uma escola que atende estudantes do Pré-I (Educação Infantil) até o quinto ano (Ensino Fundamental – anos iniciais). O acesso à comunidade se dá apenas pelo ônibus escolar que transporta os alunos de segunda à sexta-feira e aos finais de semana, por meio de alguns carros pequenos, que geralmente fazem frete aos sábados para os moradores realizarem suas “feiras” em Santa Luzia. Alguns moradores locomovem-se por motocicletas.

O acesso à Jacarequara é feito pelo Km 47 da rodovia BR 316 (na direção Belém-Brasília) por uma estrada estreita de única via, de piçarra, com moradias espaçadas, presença de aclives derrapantes e algumas pontes. Essa estrada é fundamental para o deslocamento dos moradores que precisam acessar Santa Luzia para vender suas produções, comprar mercadorias industrializadas, acessar serviços de assistência médica e educação, entre outros (Figueira 2009).

O núcleo povoado é formado em sua maioria por casas de madeira e enchimento, com paredes de taipa e piso de chão batido. A localidade não possui água encanada e utiliza-se de poços. Não existe posto de saúde e somente contam com os serviços de um Agente Comunitário de Saúde (ACS) e o Programa Estratégia Saúde da Família (ESF) que visita a localidade uma vez por mês (Figueira 2009, p. 29-33)

A comunidade de Jacarequara consta como uma das comunidades tradicionais do País, é assim reconhecida por ter seus conhecimentos fortemente ligados à natureza, e estes são usados como forma de vivência e sobrevivência, dentre essas populações, principalmente na

pesca e na agricultura. A comunidade traz um legado que queremos deixar para aqueles que vierem depois, a iniciativa desta pesquisa é fundamental para ocupação de espaço no que diz respeito aos povos de matriz africana, aos saberes tradicionais e prática de cura, dar voz a essas mulheres conota enfrentamentos que vão além da nossa percepção, como moradora da comunidade entendo que é urgente ocuparmos o espaço que é da comunidade por direito, com diálogo, pesquisa, cultura e representatividade, sendo, portanto, o entendimento desse processo parte essencial da construção narrativa deste trabalho, pois mostra a cultura e sua contribuição efetiva para a memória e própria história da comunidade de Jacarequara.

1.2 Minha Trajetória na Comunidade

A escolha por esse tema de pesquisa decorre de minha trajetória enquanto moradora-raiz da comunidade de Jacarequara e a partir das várias experiências ouvidas e vividas no seio de minha família e de vizinhos. Como dizem os antigos moradores “nasci e me criei” lá, e toda minha família também é raiz da comunidade. Só me afastei fisicamente desse local quando passei na seleção para cursar a Universidade, pois estudei na escola da comunidade até a 5ª série. Como não havia ônibus para buscar os alunos para dar continuidade aos estudos em outra localidade, tive que repetir a 5ª série. Um dia ouvimos na cidade que era possível concluir o ensino fundamental “pelo rádio” por meio do Sistema Radiofônico de Bragança (SERB)³.

Foi por meio do SERB que consegui concluir o ensino fundamental. Ao chegar no ensino médio engravidei e parei de estudar. Passei nove anos fora da escola e voltei na modalidade de EJA para conseguir fechar o ciclo da educação básica. Para ingressar no ensino superior passei por um processo seletivo especial para alunos quilombolas, ribeirinhos e indígenas, amparado pela Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que ficou conhecida como “lei das cotas”. Essa política pública garantiu o acesso e democratização do ensino superior por tornar obrigatória a reserva de vagas para alunos egressos de escolas públicas, de baixa renda e autodeclarados pretos, pardos ou indígenas nas instituições federais de ensino superior e técnico, como medida compensatória diante dos efeitos dos privilégios sociais e da desigualdade nas condições de acesso ao ensino superior (Guerrini, et al., 2018).

Lima e Campos (2020) explicam que o advento das cotas raciais deu início a uma enorme transformação nas universidades brasileiras, inaugurando uma grande controvérsia pública e modificando o modo como nossas desigualdades eram pensadas. Adotadas

³ O SERB é uma escola pioneira no Estado do Pará em educação à distância, que oferta, via rádio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com sede em Bragança atende ainda Viseu, Augusto Corrêa, Ourém, Bonito, São Miguel do Guamá, Santa Luzia, Capitão Poço, Irituia, São Domingos do Capim e Paragominas (COSTA, 2015).

inicialmente por duas universidades do Rio de Janeiro em 2001, em seguida foram adotadas por quase todas as universidades públicas do país, nos levando a falar, como nunca, em preconceito, racismo, discriminação e desigualdades.

O processo seletivo fez-se duas etapas: a primeira com uma redação que tendo uma nota satisfatória leva o candidato para a segunda etapa que é uma entrevista. Mesmo em meio à considerável concorrência consegui obter as notas que precisava para obter uma vaga no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, no Campus de Bragança. Quando iniciei o curso, meus filhos eram pequenos e a mais nova tinha cinco anos, enfrentando muitas dificuldades, cheguei até aqui.

Mesmo tendo que morar em outro município, não me desprendi dos hábitos de minha comunidade para onde eu voltava aos finais de semana e nas férias. Continuava participando das rezas, reuniões da associação de moradores, da qual faço parte da diretoria como tesoureira, participo de reuniões dentro e fora do município, e sempre busquei conversar com as pessoas da minha comunidade, ouvi-las com atenção para incentivar a cultura e o respeito aos saberes dos mais antigos moradores. Aqui temos muitas riquezas e saberes, como por exemplo: a cultura do artesanato com madeira, cipó, sementes e folhas de guarumã⁴, de sementes, e procuramos estar incentivando a cultura da comunidade.

Em relação às mulheres que trabalham com remédios caseiros, carrego um legado, pois minha avó era parteira e dessa experiência tenho memórias dos banhos de mato cheiroso que ela fazia, banhos que não são vendidos em farmácias, mas que agora quase não usamos. Lembro-me que ela cozinhava as folhas dentro da panela e mandava a todas as crianças tomarem banho. Todos obedeciam.

A partir de rodas de conversas, pela parte da noite, quando faltava energia na comunidade, nos reuníamos em frente de casa. Enquanto havia bateria no celular, havia luz para iluminar a roda de conversa. Nesses momentos passei a ouvir alguns relatos sobre a trajetória de vida das moradoras da comunidade: muitos momentos difíceis, de trabalho duro na roça e quando seus filhos adoeciam existiam muitas dificuldades para chegar até o atendimento médico. Nessas ocasiões as moradoras precisavam manipular ervas, plantas e raízes para providenciar socorro para os membros da comunidade e auxiliar nos processos de cura para seus filhos, algum parente da família ou para si mesmas.

⁴ Guarumã é uma planta amazônica que habita lugares úmidos, usado pelos indígenas, ribeirinhos e quilombolas para confecção de artesanato, pois contém fibras em sua composição.

A partir desses encontros nas rodas de conversa com as mulheres da comunidade, decidi-me que a pesquisa que eu desenvolveria traria a voz dessas mulheres, proporcionando assim que os mais jovens da comunidade pudessem também aprender algo com elas. Compartilhar os conhecimentos tradicionais e ancestrais que elas guardam e do qual pouco tem oportunidade de compartilhar.

Na comunidade praticamos a cultura dos chás caseiros, os xaropes, inclusive tem um grupo de mulheres que se especializou na produção de xaropes caseiros e pomadas que atendem muito bem a demanda da comunidade. Pela dificuldade de deslocamento até a cidade é possível contar ainda com as benzedeadas, que rezam pelas crianças que estão com mau olhado e quebranto, pois é de nosso dia a dia, acontecer da criança ficar com febre, indisposta e com dor de cabeça sem uma causa aparente. Nessas ocasiões o papel dessas mulheres é muito importante na comunidade, tal como afirmam Marin e Scorsolini-Comin (2017) para quem as

benzedeadas são encontrados em grande número em comunidades rurais e na periferia das cidades, e nesse espaço são muito valorizados e respeitados, exercendo papel de conselheiros em questões que vão desde a perda de objetos pessoais, dificuldades do matrimônio, dificuldades financeiras e, claro, problemas de saúde e espirituais.

Que toda vida é mortal fica claro para qualquer observador, no entanto, enquanto moradora da comunidade, observo que no dia a dia dos moradores de Jacarequara persiste uma forte conexão com a cura por meio do uso de plantas e credences, que desafia a juventude moradora da comunidade, acostumada com remédios e soluções rápidas com remédios farmacêuticos.

Sobre a importância dessas pessoas nas comunidades nas quais estão inseridas chama atenção a conexão entre o respeito e liderança que mantém com os moradores Segundo Marin e Scorsolini-Comin (2017) Os benzedeados e benzedeadas são encontrados em grande número em comunidades rurais e na periferia das cidades, e nesse espaço são muito valorizados e respeitados, exercendo papel de conselheiros em questões que vão desde a perda de objetos pessoais, dificuldades do matrimônio, dificuldades financeiras e, problemas de saúde e espirituais.

As mulheres mais velhas da comunidade são respeitadas, tem muito conhecimento, e sabedoria, são contadoras de histórias, são conselheiras, e exercem um papel de liderança, mas não são reconhecidas desta forma pelas pessoas mais novas da comunidade, o mais contraditório e corriqueiro na comunidade é que na prática a se alguém adoecer, e precisa de cura, a primeira, coisa que vem em mente é “um chá”, vai-se até o mato-chão procurar a cura, é no tocar do chão da natureza, que emerge a solução, através de misturas se faz o xarope, o

mel, a andiroba, banha de galinha e alho, para curar não somente a gripe, como mal olhado, e corpo mole.

Quando parei para analisar todo esse universo de conhecimentos que me rodeava desde a infância, comecei a perceber um universo de possibilidades se abrindo para mim no campo de minha pesquisa para meu Trabalho de Curso (TC), conseguir a aprovação no curso de Ciências Biológicas não pode ter sido um simples acaso, foi quando percebi a responsabilidade em minhas mãos, o tema estava ali na minha frente o tempo todo.

Em minha comunidade vivenciei tantas experiências com as práticas de cura, ao longo de toda minha infância, adolescência, e agora na juventude como pesquisadora e universitária registrar essas experiências, tem sido uma tarefa satisfatória, poder observar, ouvir e pesquisar mais sobre a história da minha comunidade através de relatos e experiências de mulheres tão batalhadoras, que fizeram e fazem parte da minha vida.

Os povos tradicionais desempenham um papel essencial na conservação dos ecossistemas por meio de práticas sustentáveis baseadas em seus conhecimentos locais acumulados por gerações. Portanto, ouvi-los com atenção é uma questão que ultrapassa a representatividade, é reconhecer que há soluções e caminhos que precisam ser construídos e partir das vozes e vivências dessas mulheres, portanto não há nada mais científico do que a sabedoria ancestral e conhecimento tradicional para a preservação da cultura, da minha própria cultura enquanto moradora da comunidade.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Segundo Pinsky (2008), com a História do tempo presente; passou-se a valorizar também a análise qualitativa, e o relato pessoal deixou de ser visto como exclusivo de seu autor, tornando-se capaz de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social.

Para Santos e Silva (2022) é possível, a partir da fala de um entrevistado, valorizá-lo enquanto sujeito histórico, além de reviver momentos talvez esquecidos por muitos, prestes a desaparecerem num universo temporal. Nesse caminho, um ponto importante a ser destacado, segundo esses autores é que pela história oral é possível a (re)inserção dos entrevistados em um contexto social no qual, possivelmente ele não se sinta como parte integrante. Sendo assim, trata-se

de fazê-los se sentirem importantes, atores de suas próprias histórias, e, acima de tudo, oportunizando que as novas gerações vivam e sintam, pelo menos um pouco, daquilo que já não existe em seu cotidiano. A História Oral, ainda que tida como uma técnica antiga configura-se como um meio moderno de obtenção de informações e dados que subsidiem estudos que remontem à história de pessoas e grupos sociais, seus modos

de vidas, dentre outros aspectos históricos (Santos; Silva, 2022, p. 45).

Considerando a importância da história oral, adotamos essa metodologia de trabalho para a pesquisa in loco que fizemos na comunidade, com a realização de entrevistas com mulheres conhecedoras das artes de cura. Para colher seus depoimentos usamos como apoio tecnológico um gravador de som, máquina fotográfica e um caderno de campo. O primeiro passo foi marcar uma reunião com as mulheres que são liderança na comunidade para apresentar os objetivos da pesquisa e para verificar quem gostaria de participar. Três mulheres concordaram em participar do estudo a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo os princípios éticos da pesquisa com seres humanos a partir do que determina a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Em respeito às interlocutoras, e para garantir o anonimato, optamos por utilizar nomes de ervas medicinais (Arruda, Cidreira e Alecrim) para designá-las ao longo deste trabalho. São elas:

- a) Arruda: tem 33 anos, é casada e tem três filhos, nasceu e se criou na comunidade;
- b) Cidreira: tem 35 anos, é casada e tem três filhos, mesmo tendo morado fora da comunidade por um tempo, a maior parte de sua vida e de seus familiares está sendo vivida em Jacarequara;
- c) Alecrim: tem 84 anos e “nasceu e se criou” na comunidade e, segundo ela, será assim até o fim de sua vida. Casou e criou todos os seus filhos em Jacarequara.

As entrevistas foram conduzidas de forma individual a partir de um roteiro semiestruturado composto por perguntas direcionadas para a compreensão da aquisição e compartilhamento dos saberes de cura dessas mulheres. A partir das falas gravadas, as entrevistas foram transcritas para serem analisadas a partir de seu conteúdo. Nesse caminho, selecionamos trechos que consideramos significativos para criação de categorias de análise e diálogo com a literatura pertinente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Práticas de cura em Jacarequara: uma saber ancestral de mulheres

Na entrevista realizada, nossas interlocutoras compartilharam seus conhecimentos sobre remédios e ervas utilizadas para tratar dores, reumatismo, inflamações, gripes e até males espirituais como maus olhados. Esses relatos demonstram um mosaico do conhecimento ancestral que é compartilhado ao longo de muitas gerações, e evidenciam a centralidade das mulheres na preservação dessas práticas.

De acordo com Silveira e Albuquerque (2015), os saberes ancestrais são formas de

compreensão da realidade pelos quais determinados grupos reinventam o cotidiano, criam táticas de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições. Desse modo, o saber oral na comunidade de Jacarequara tem sido passado ao longo de várias gerações por meio das mulheres, como manutenção de uma realidade social que necessita ser não apenas contada, mas disseminada para as novas gerações. É o que vemos aparecer em suas falas.

Como explica Arruda, mulher que “*nasceu e se criou na comunidade*”, tanto ela como a maior parte de sua família moram na comunidade. Elas nos contou que aprendeu a fazer garrafadas medicinais com sua avó e com sua mãe, usando as plantas que eram colhidas no mato e no quintal de sua casa, segundo ela as receitas que faz utilizando matos e ervas, são muito importantes para ajudar as pessoas da comunidade, como explica a seguir:

É, ele é muito importante para ajudar as pessoas da nossa comunidade, que às vezes estão doentes e não tem como ir para o município, não é uma coisa muito grave. A gente faz aqui mesmo na comunidade um remédio caseiro (Arruda).

Para as pessoas que estão doentes em que a enfermidade não se configura como muito grave e que não têm condições de se deslocar para o município mais próximo, Arruda explica que os medicamentos produzidos na comunidade são a forma mais eficaz e rápida de atendimento para as pessoas e que esse saber é repassado para outras mulheres de sua família, como modo de manter uma tradição que confere a elas a responsabilidade de cuidar, como explica a seguir:

tenho procurado ensinar o ofício para minha irmã e minhas cunhadas. Algum tempo atrás ela esteve com sua filha doente e isso a motivou a reinventar-se entre os saberes de ervas (Arruda).

Cidreira também nasceu e se criou na comunidade, aprendeu a usar as plantas medicinais com sua mãe e considera seu saber como muito importante para o bem-estar da comunidade, segundo ela é no dia a dia das necessidades que aprendeu a fazer medicamentos “*que servem tanto para nós como para a nossa comunidade, é importante ajudar as pessoas da nossa comunidade*” destacou. Para nossa interlocutora a produção do xarope é uma maneira de resgatar a cultura da sua comunidade, e por isso sempre que pode ela ensina o manejo das ervas para sua filha. Segundo ela sua mãe foi uma mulher com inúmeros saberes e funções, ajudou muito na comunidade na realização de complexas tarefas, dentre as quais: benzer, preparar banhos, puxar o peito além de preparar xarope e garrafadas.

Alecrim relata que herdou tudo que aprendeu com seu pai e, desde então, vem “*tocando o trabalho pra frente*”, ela diz que gosta de aprender observando os outros fazendo. Em suas palavras:

O que eu aprendi das ervas medicinais foi com [...], meu pai. Foi ele que me ensinou, e aí, sobre isso, agora eu estou levando o trabalho para frente. O que eu vejo, o remédio, eu faço (Alecrim).

Camargo (2011) explica que a medicina popular se define como um sistema médico, por envolver, técnicas de diagnóstico e interpretações a serem aplicadas a questões que envolvem saúde física, mental e espiritual. Esta medicina, calcada em ideias e valores ditados pelo consciente coletivo, tem seus conhecimentos transmitidos por meios predominantemente orais com base no conhecimento empírico acumulado. Tal conhecimento é desenvolvido por meio de

uma dinâmica própria, as práticas médicas populares vão se adequando às realidades que o tempo histórico vai delineando; segundo os diferentes contextos socioculturais, nos quais se inserem. Seu vínculo com elementos doutrinários de cunho religioso, de diversas origens, nos faz entendê-la como uma medicina sacralizada, de contorno nitidamente mágico-religioso (Camargo, 2011).

As plantas medicinais na região amazônica são o principal meio de tratamento de doenças para a maioria das populações, seja por causa de influência cultural seja causa de ausência de políticas de atenção à saúde ou por causa do custo dos produtos farmacêuticos (Pilletti; De-Melo, 2024). O conhecimento local sobre o uso das plantas é vasto, sendo, em muitos casos, o único recurso disponível que a população rural tem ao seu alcance para cuidar da saúde. A partir de um processo de aprendizado geracional bastante complexo, envolve princípios e valores que precisam ser estudados e compreendidos num diálogo cultural que pode apontar elementos sobre a forma de organização social e do relacionamento que as pessoas estabelecem com a natureza (Pasa, 2011).

Pilletti e De-Melo (2024) explicam que os conhecimentos ecológicos locais abrangem saberes e práticas que são bastante complexos e que estão ligados a um conjunto de conhecimentos, práticas e valores que são fundamentais para garantir a continuidade destes saberes. Nesse caminho, as mulheres desempenham um papel primordial, uma vez que são elas que persistem no trabalho da produção de remédios caseiros e, com isso, mantêm e disseminam os saberes de seus antepassados ao mesmo tempo em que promovem a saúde em suas comunidades. Desse modo, as autoras defendem que no campo agroecológico é fundamental conhecer as raízes culturais desses modos de vida que podem contribuir na valorização, reconhecimento e, conseqüente fortalecimento dos saberes tradicionais que normalmente são academicamente subjugados e hierarquizados.

O estudo desenvolvido por Lima-Junior e Silva (2020) com mulheres de uma comunidade ribeirinha da Amazônia, mostra o quando elas são polivalentes por mesclarem diversas atividades cotidianas com as artes de cura. Os autores descrevem essas mulheres como

grandes conhecedoras das ervas amazônicas, fazendo chás que curam as doenças de adultos, crianças e até recém-nascidos. Utilizam-se de rezas, orações e defumações para solucionar os problemas de saúde dos comunitários, atuam na realização de partos, já que nas comunidades ribeirinhas não existem hospitais, portanto, não há presença fixa de médicos e demais profissionais de saúde (Lima-Júnior; Silva, 2020)

Os autores explicam que os saberes necessários para execução das tarefas foram adquiridos por meio da oralidade de pais, mães ou avós, transmitidos aos descendentes. Também são aprendidos no cotidiano com outros curandeiros mais velhos e parteiras mais experientes. Ou seja, são conhecimentos conquistados por meio da observação e compartilhados por intermédio das experiências culturais, que tornam as mulheres pessoas confiáveis nos processos relacionados à busca e manutenção da saúde nas comunidades.

3.2 Na dinâmica dos saberes e hábitos cotidianos, a cura que vem das plantas

Os estudos sobre os conhecimentos tradicionais têm conquistado um lugar de destaque na atualidade. Acumulados ao longo de gerações por povos e comunidades originários, como indígenas, quilombolas e ribeirinhos esses saberes expressam as relações mais antigas estabelecidas pelos seres humanos com a natureza. Desse modo, na base desses saberes, inevitavelmente teremos os conhecimentos sobre a interação e manejo de seres vivos bem como de sua integração/interação/relação com o meio ambiente. Tais saberes são repassados ao longo das gerações e incluem práticas, crenças, valores, histórias, técnicas de agricultura e pesca, uso de plantas medicinais, espiritualidade, entre tantas outras, que estão intrinsicamente vinculadas à cultura e identidade desses povos.

Segundo Monteiro e Brandelli (2017), os africanos trouxeram plantas e raízes de seu continente para a América, e estas eram utilizadas em práticas e rituais religiosos por seus atributos farmacológicos, empiricamente descobertos. Os saberes relacionados às plantas medicinais são repassados de geração a geração, os nossos antepassados quilombolas e indígenas utilizavam da medicina tradicional para a cura de diferentes males. Assim como, os povos indígenas se utilizavam das plantas que pertenciam as terras brasileiras para a cura de doenças. A tradição de se recorrer às plantas medicinais e a transmissão dos saberes relacionados às plantas continua presente na atualidade nas comunidades quilombolas. Desse modo, as práticas de cura fazem parte dos saberes tradicionais e são dirigidas para os cuidados para manutenção e preservação da saúde e bem-estar, podendo envolver o uso de plantas medicinais, raízes, benzimentos, rituais e conhecimentos sobre o corpo.

Os territórios afrodescendentes brasileiros compreendem um rico mosaico de manifestações desses saberes e práticas de cura e em Jacarequara as plantas medicinais assumem um papel primordial nas práticas de saúde que as mulheres desenvolvem na

comunidade. Nas palavras de Arruda, além de ajudar com a manutenção da saúde dos moradores da comunidade, o preparo dos remédios caseiros também garantem um meio de renda e o resgate/manutenção da cultura da comunidade quilombola.

É um meio de renda e um resgate da cultura da comunidade quilombola
(Arruda).

Cidreira é considerada uma especialista na produção de medicamentos pela comunidade, sua especialidade é a produção de xarope que ela vende não só na comunidade, mas em outras localidades também. Segundo ela o medicamento serve para aliviar a tosse e fortalece o pulmão e

A gente usa três vezes ao dia: uma colher de manhã, uma colher no meio-dia e uma colher à tarde (Cidreira).

Alecrim explica que acha o conhecimento sobre plantas medicinais importante, e explica que não são apenas as ervas que são utilizadas para produção de remédios. Por exemplo, em casos de sarampo, ela fala que

Eu, de primeira que eu não sabia, né, sobre o sarampo. O remédio caseiro pra sarampo é o cocô do animal [cachorro] e não faz mal. Um outro remédio importante é o lambedor com o mel de abelha (Alecrim).

Albuquerque e Chiapetta (1994) discorrem sobre a importância das plantas nos processos e rituais populares de cura. Para esses autores, as espécies vegetais utilizadas

adquirem a função de diretoras ou auxiliares desses rituais, configurando-se um complexo onde se revelam aspectos botânicos, farmacológicos e sociológicos. No contexto ritual são louvadas, cantadas, empregadas com fins a estreitar os laços com as entidades invocadas para propiciar curas, conselhos e mesmo integrar as representações dos adeptos como meio de compreender a natureza das coisas e poder divisar o "invisível", mundo que pode ser revelado por determinados vegetais.

Na utilização de plantas medicinais é possível observar que a transmissão desses conhecimentos pode ocorrer um processo ressignificação cultural com a mudança na forma de preparo dos remédios, principalmente se forem manipulados em maior escala para comercialização, por exemplo. Thiago, Januário e Kubo (2014) explicam que na unidade familiar, os remédios são preparados em dosagens aprendidas verticalmente, com a utilização de plantas ou parte de plantas diferentes das usadas em maior escala.

Em alguns casos, são utilizadas rezas ou orações em conjunto com a preparação ou durante a aplicação dos remédios. Nesses casos, o remédio, preparado com o objetivo de prevenção ou cura de males que comprometem a saúde, veicula componentes material e espiritual que não se dissociam durante a atividade de preparação e aplicação. Em práticas dessa natureza, efetiva-se uma interação mais intensa e respeitosa com os recursos naturais (Thiago, Januário e Kubo, 2014).

Silva, Vieira e Oliveira (2020) explica que as mulheres envolvidas nos processos de cura em comunidades tradicionais são detentoras de um saber religioso e, por meio das rezas e rituais, curam males e devolvem o equilíbrio emocional e físico àqueles que as procuram. Geralmente pertencentes a um mesmo núcleo familiar, elas fazem parte de um círculo de hierarquia matriarcal, são respeitadas pela população por carregarem consigo os conhecimentos místicos de uma geração antiga.

Para Pasa (2011) as plantas usadas como remédio têm uma posição predominante nas comunidades tradicionais e estão diretamente ligadas a práticas de conservação da biodiversidade que são expressas no cotidiano dos moradores locais, por meio de práticas tradicionais e conservacionistas. Trata-se, portanto de um etnoconhecimento que articulado aos saberes tradicionais, são acionados no cotidiano das comunidades.

A utilização da flora medicinal e o relacionamento que a comunidade estabelece com o meio ambiente pode fazer com que espécies tidas como importantes sejam preservadas, apesar da constante diminuição de áreas nativas, o que fornece contribuições significativas para a conservação destas espécies e do patrimônio material e imaterial envolvido (Thiago; Januário; Kubo, 2014).

Para Pilletti e De-Melo (2024) as mulheres que persistem no trabalho da produção de remédios caseiros atuam como frente de resistência no caminho de manter os saberes de seus antepassados e promover a saúde na sua comunidade, pois o uso das plantas medicinais tem relação direta com o acesso deficitário às políticas de saúde, de modo que tais práticas devem receber atenção dos gestores de saúde pública para garantir o uso seguro desse conhecimento pelas populações, especialmente nas áreas rurais mais distantes onde a preferência por essa forma de tratamento é predominante.

Desse modo as pessoas que desenvolveram o dom da cura no seio de suas comunidades e que adquiriram seus conhecimentos principalmente a partir de seus familiares, se constituem como figuras de destaque, pois são continuamente acionadas por meio de práticas de cura que envolvem rezas, benzeduras, confecção de remédios que foram aprendidas a partir de seus familiares e que são ensinadas ao longo de gerações, mantendo viva essa tradição ao longo do tempo (Oliveira; Trovão, 2009).

Na comunidade de Jacarequeara as mulheres assumem um papel primordial no cultivo e manipulação de plantas medicinais e atuam ativamente na agricultura familiar. São conhecidas tanto pela manipulação de remédios quanto pelas atividades que assumem no plantio da mandioca e na produção de farinha. Além da produção de mandioca e seus subprodutos (tucupi, farinha e goma de tapioca) a comunidade cultiva ainda feijão, milho, arroz

e hortaliças que são destinados tanto para venda quanto para garantir a segurança alimentar dos moradores (Lima et al, 2020).

Entre as plantas medicinais cultivadas e utilizadas pelos moradores da comunidade, destacam-se a unha de gato (*Uncaria tomentosa*), verônica (*Dalbergia monetaria*), caju (*Anacardium occidentale*) e mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) que são empregados na produção de chás, infusões e macerados que são utilizados para ingestão, banhos, bochechos e aplicações sobre a pele (Silva, 2022).

Ferreira-Alves e Santos-Fita (2023) explicam que na comunidade quilombola do Jacarequara existe uma multiplicidade de práticas que compõem o sistema produtivo local e que varia de família para família, de acordo com suas preferências e necessidades. Os autores relacionam dez diferentes atividades que formam o sistema produtivo local, sendo o manejo das roças e o extrativismo do açaí e murumuru as atividades predominantes.

O inventário etnobotânico realizado em Jacarequara indica o cultivo de plantas como açaí, arroz, feijão, mandioca (em diferentes variedades), banana, coco, caju, acerola, bacaba (entre tantas outras plantas) que entram na composição da base alimentar e geração de renda na comunidade, além disso, esse cultivo se constitui como meio de resistência para a permanência dos quilombolas em seu território, traduzindo-se na cultura alimentar quilombola que a comunidade manifesta e se identifica (Ferreira-Alves e Santos-Fita, 2024).

Embora mantenha diversos costumes ancestrais essa comunidade não está imune às mudanças promovidas por novos/outros hábitos de vida baseados em relações de trabalho, poder aquisitivo, preferências alimentícias e busca por novas maneiras de sustento das famílias que implicam em alterações significativas no sistema produtivo tradicional do quilombo, que antes era focado principalmente no autoconsumo dos núcleos familiares e que atualmente,

com a necessidade de outras fontes de renda, passou-se a cultivar espécies mais comerciais, além de se direcionar para outras atividades rentáveis como o extrativismo de açaí e murumuru. Espécies que antes eram comumente cultivadas para a alimentação, como arroz e feijão, dão lugar a outros cultivos visando sua venda, colocando os moradores em uma posição de necessidade de compras externas para compor sua alimentação, que vão desde arroz, feijão e legumes até os alimentos industrializados adicionados à alimentação (Ferreira-Alves; Santos-Fita, 2023).

As parcerias comerciais entre empresas de cosméticos e comunidades tradicionais da Amazônia vem sendo apresentadas como iniciativas capazes de promover o “desenvolvimento sustentável” uma vez que a exploração produtiva da floresta se associa à preservação ambiental. Nesse caminho, a Associação de moradores do Jacarequara estabeleceu um acordo comercial com a Natura para compra e venda das sementes de murumuru que é intermediado pela cooperativa local. No entanto, embora o discurso da sustentabilidade seja um ponto forte a

Natura não desenvolve nenhum tipo de apoio na organização e gestão da comunidade que apenas coleta e venda dessa matéria prima (Almeida; Silva, 2018)

O advento da coleta de murumuru, se estabelece uma nova maneira de relação entre o humano e os recursos naturais que ali estão disponíveis, permitindo que seja atribuída à amêndoa do murumuru demasiada valoração para fins de comercialização, visando a complementação da renda dos quilombolas (Ferreira-Alves; Santos-Fita, 2023). Desse modo, quando se pensa em desenvolvimento sustentável na Amazônia, Almeida e Silva (2018) alertam para a necessidade de preservar os modos de vidas tradicionais que dão equilíbrio aos recursos da floresta: “é necessário que se reverta o padrão de projetos de desenvolvimento sustentável que visam somente os recursos naturais, ficando os amazônidas excluídos dos discursos e das práticas” (Almeida; Silva, 2018)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre o conjunto de valores construídos acerca dos processos de saúde-doença torna-se uma peça fundamental para o entendimento das práticas culturais e estratégias utilizadas em diferentes comunidades como forma de resistência à prática médica ocidental (Domingos; Valente, 2020). Os saberes da tradição não têm cidadania, como refugiados escondem-se à sombra dos conhecimentos científicos, carregam o fardo de serem anônimos, não comprovados, não se autorreconhecem e, muito menos, são reconhecidos como formas de ler e interpretar a realidade, a vida e o mundo, são discriminados pelo rótulo de “não-científico” (Santos; Figueiredo, 2020).

Nosso relato de pesquisa pretendeu descrever e analisar o papel das mulheres nas práticas de cura na comunidade de Jacarequara. Tais práticas estão conectadas a um conjunto de saberes tradicionais acumulados e transmitidos por mulheres ao longo de gerações. Falar sobre esse conhecimento se constitui como um movimento de resistência e manutenção desses saberes na contemporaneidade.

Trazer para a academia o relato dessas mulheres nos envolve em um movimento de resistência e afirmação desses saberes, também nos leva a explorar as peculiaridades de uma Amazônia muitas vezes desconhecida e subestimada. Os saberes tradicionais são saberes da floresta, intrinsecamente atrelados a elementos da natureza, que acionados pelos seres humanos contribuem para a restituição e manutenção de sua saúde.

Dominado pelos mais antigos, esses saberes são compartilhados nas rodas de conversas entre vizinhos, nas cozinhas das casas, nos arranjos da vida cotidiana em que as histórias dessas mulheres são continuamente tecidas, sustentadas na simbiose do corpo com o mundo

imaginário que trama formas subjetivas de ser e estar no espaço social, de reproduzir efeitos para além dos processos envolvidos nas rezas e práticas de cura (Silva; Vieira; Oliveira, 2020).

Thiago, Januário e Kubo (2014) explica que é nesses momentos de socialização dos conhecimentos sobre plantas e remédios que laços afetivos são estreitados entre as pessoas de uma comunidade, é quando ocorrem trocas de plantas (ou partes delas) que os conhecimentos relacionados a elas são repassados, por meio dos “proseios”, da contação de histórias, de causos e fatos atuais sobre a comunidade, fomentando a rede social que ali existe.

Para nós, moradores da comunidade de Jacarequara, as ervas geram a cura e, nesse caminho estabelecem fluxos simbólicos mágicos que fluem por gerações, conectando diferentes pessoas habitantes de espaços-tempos diversos, fazendo de nossa comunidade um território no qual a ancestralidade vive e pulsa em cada um de nós, onde os saberes desenvolvidos por nossos antepassados firmam as bases de nossa identidade.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de CHIAPPETA, Alda de Andrade. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros. **Ci. & Tróp.**, Recife, v. 22, n. 2 p. 197-210, Jul./Dez., 1994. Texto Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/564> [acesso em junho de 2025].
- ALMEIDA, Alessandro Damasceno de; SILVA, Arthur Boscarol da. Os Impactos das Práticas Comerciais da Empresa de Cosméticos Natura na Comunidade Quilombola do Jacarequara em Santa Luzia do Pará - PA. **Nova Revista Amazônica**. Dossiê Amazônia. Vol. 06, nº 01. 2018. Texto disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6208> [acesso em junho de 2025].
- ALMEIDA, Rozemberg Ribeiro de. Escravidão, resistência e a formação de quilombos na Amazônia: Jacarequara em pauta. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal, RN, 22 a 26 de julho de 2013. Texto Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875181_c3f6b9461f30ba71df66dbcd5020305a.pdf [acesso em junho de 2025].
- BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1. Brasília, 30 ago. 2012.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. **Dominguezia** - Vol. 27(1) – 2011. Texto Disponível em: <https://www.dominguezia.org/volumen/articulos/2714.pdf> [acesso em abril de 2025].
- COSTA, Andreia do Socorro Cruz. O Sistema Educativo Radiofônico de Bragança e suas implicações na Educação de Jovens e Adultos do Campo. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Federal do Pará, Campus Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), Bragança, Pará. 2015.
- DOMINGUES, Andrea Silva; VALENTE, Marcia de Jesus Oliveira Valente. Transitando pelo itinerário terapêutico: Discurso e saberes na Amazônia Tocantina. **Organon**, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-16, 2020.

FERREIRA-ALVES, Ellem Suane; SANTOS-FITA, Dídac. As roças e o extrativismo na comunidade quilombola do Jacarequara, Santa Luzia do Pará, Nordeste Paraense. **Rev. NERA**. Presidente Prudente, SP. v. 26, n. 66. 2023. Texto Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/9667> [acesso em abril de 2025].

FERREIRA-ALVES, Ellem Suane; SANTOS-FITA, Dídac. Levantamento e caracterização das plantas alimentícias da comunidade Quilombola do Jacarequara, Município de Santa Luzia do Pará. **Revista Etnobiología**. Vol. 22, Num. 1. Abril 2024. Texto Disponível em: <https://revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/590> [acesso em abril de 2025].

FIGUEIRA, Yonah Leda Vieira. Condições de saúde das crianças de 0 a 5 anos de idade na comunidade Quilombola de Jacarequara no Pará. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Planejamento do Desenvolvimento, Belém, Pará, 2009. Texto Disponível em: <https://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2009/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL.pdf> [acesso em junho de 2025].

GUERRINI, Daniel; PICONI, Larissa Bassi; STURION, Leonardo; MATA, Ednei Aparecido Dias da. Acesso e democratização do ensino superior com a Lei nº 12.711/2012: o campus de Londrina da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 99, n. 251, p. 17-36, jan./abr. 2018. Texto Disponível em: <https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/28559/1/acessodemocratizacaoensinoutfpr.pdf> [acesso em maio de 2025].

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: Quilombolas: primeiros resultados do universo. 2023. Texto Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102016.pdf> [acesso: maio de 2025].

LIMA, Márcia; CAMPOS, Luiz Augusto. Inclusão Social no Ensino Superior: Impactos, consequências e desafios. **Novos Estud. CeBRAP**. São Paulo. Volume 39. nº 02. maio a agosto de 2020. Texto Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/3FkB7JMFqyTbxNkLZnXLxZf/> [acesso em abril de 2025].

LIMA, Renata Ferreira; SILVA, Alasse Oliveira da; DIAS, Paulo Henrique Batista, et al. A produção de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) na agricultura familiar da região Nordeste Paraense: estudo a partir da comunidade de Jacarequara, Capanema, Pará. **Braz. J. Anim. Environ. Res.**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 1284-1296, jul./set. 2020. Texto Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJAER/article/view/14285> [acesso em abril de 2025].

LIMA-JUNIOR; Josivaldo Bentes; SILVA, Adan Renê Pereira. Mulheres e práticas de cura: vivências no Mocambo do Arari – Parintins, Amazonas. **REHR**. Dourados, MS, v. 14, n. 28, Jul./Dez. 2020.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e desenvolvimento no ofício das benzedadeiras. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 37 nº2. Abr/Jun. 2017. Texto Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bKCy6WKB3fb3TbZwWPK7DZw/> [acesso em abril de 2025].

MONTEIRO, Siomara da Cruz, BRANDELLI Clara Lia Costa. **Farmacobotânica: Aspectos teóricos e Aplicação**. Artmed, 2017.

MOTA, Dalva Maria da; FELICIEN, Ana; PEIXOTO, Quimera de Moraes; GHIRARDI, Nazaré Reis. Comida de hoje, comida de ontem em quilombos na Amazônia Oriental do Pará. **Revista de Economia e Sociologia Rural** 62(3). 2024. Texto Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/resr/a/rpkCGT9yNKnYXnNGy5kNbXt/?lang=pt> [acesso em junho de 2025].

OLIVEIRA, Érica Caldas Silva de; TROVÃO, Dilma Maria de Brito Melo. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: Um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 245-251, jul./set. 2009. Texto Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbrasbioci/article/view/114874> [acesso em abril de 2025].

PASA, Maria Corette. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 6, n. 1, p. 179-196, jan.- abr. 2011. Texto Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/MJKS9bGm58NXKXxjbDPvmZw/?format=pdf&lang=pt> [acesso em abril de 2025].

PILLETTI, Edileuza A.; DE MELO, Meury da Silva. Agroecologia e conhecimentos tradicionais: história de mulheres que manejam plantas medicinais. **Cadernos de Agroecologia**. Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v. 19, n. 1, 2024. Texto Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/9230> [acesso em maio de 2025].

SANTOS, André Sousa; SILVA, Diôgo Rodrigues da. **História oral e história de vida:** aspectos conceituais e históricos. In: FINELI, Leonardo Augusto Couto; SOARES, Wellington Danilo (Orgs.). **Revisão bibliográfica:** o uso da metodologia para a produção de textos. 1ed. Guarujá-SP: Científica Digital, 2022.

SANTOS, Lucineide Sousa; FIGUEIREDO, Renato Pereira. Saberes da tradição e conhecimentos científicos: entrelaçados pela teoria do pensamento complexo. **Revista Cenas Educacionais, Caetitê – Bahia - Brasil**, v. 3, n. e8468, p. 1-12, 2020.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad em oncho ensayos**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.

SILVA, Érica Joziélen Cunha da. Plantas úteis na comunidade quilombola Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará – PA. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal Do Pará, Campus Universitário de Altamira. Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação. 2022.

SILVA, Nadson Fernando Nunes; VIEIRA, Norma Cristina; OLIVEIRA, Marcelo do Vale. As práticas de cura das benzedoras da Amazônia Paraense: saberes, identidades e lugares de gêneros. **Revista Ártemis**, vol. XXIX, nº 1; jan-jun, 2020.

SILVEIRA, Dayana D'arc e Silva da; ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. **Revista Cocar**, Belém, v. 9, n.18, p. 255 a 284 – Jul./Dez. 2015. Texto Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/713> [acesso em abril de 2025].

THEOTONIO, Andréa Carla Rodrigues. Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia – PB. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, PB. 2010.

THIAGO, Fernando; JANUÁRIO, Elias Renato da Silva; KUBO, Edson Keyso de Miranda. Ressignificação cultural e resistência na produção de fitoterápicos em comunidade quilombola. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 29, n. 2, p. 339-358, jul./dez. 2014. Texto Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rh/article/view/4716> [acesso em abril de 2025].

ANEXO 1 – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**I – Dados de identificação do Projeto e dos Pesquisadores Envolvidos**

Título do Projeto: Uma história de mulheres: saberes e práticas de cura em Jacarequara, Santa Luzia, PA

Pesquisadores Responsáveis:

Profa. Sandra Nazaré Dias Bastos/UFPA- IECOS-PPLSA/Campus Universitário de Bragança
Francineia da Conceição Reis/UFPA-FBIO/Campus Universitário de Bragança

Telefones para contato:

(91) 98179-6426

II – Dados de Identificação do Voluntário

Nome: _____ **Idade:** _____ anos

Número do Documento de Identidade: _____ **Órgão Emissor:** _____

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa “Uma história de mulheres: saberes e práticas de cura em Jacarequara, Santa Luzia, PA”, sob a responsabilidade da pesquisadora Sandra Nazaré Dias Bastos.

A presente pesquisa está relacionada ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia de Graduação) de Francineia da Conceição Reis, estudante regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UFPA/FBIO/Campus de Bragança) que tem como objetivo principal registrar e analisar as histórias de mulheres que manipulam ervas medicinais na comunidade de Jacarequara em Santa Luzia, PA.

Para isso, os dados serão levantados por meio de uma entrevista (que será gravada em áudio) e que obedecerá a um roteiro semiestruturado. Esclarecemos que em nenhum momento as respostas fornecidas serão modificadas, alteradas ou passarão por qualquer tipo de crítica ou avaliação. Ressaltamos ainda que sua participação é voluntária, e que o consentimento para participação nessa pesquisa pode ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos para as partes envolvidas. As informações fornecidas são sigilosas e para garantir a privacidade de sua identidade, seu nome não será mencionado no relatório de nossa pesquisa.

Eu, _____,
(nome da voluntária)

Portador do documento de identidade nº _____ declaro ter sido informada e concordo em participar, como voluntária, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santa Luzia, ____ de _____ de 2024.

Assinatura da entrevistada

Sandra Nazaré Dias Bastos
(Professora Orientadora)

Francineia da Conceição Reis
(Licencianda em Ciências Biológicas)

ANEXO 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Título do Projeto: Uma história de mulheres: saberes e práticas de cura em Jacarequara, Santa Luzia, PA

Pesquisadores Responsáveis:

Profa. Sandra Nazaré Dias Bastos/UFPA- IECOS-PPLSA/Campus Universitário de Bragança
Francineia da Conceição Reis/UFPA-FBIO/Campus Universitário de Bragança.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Diga seu nome:
2. Qual a idade?
3. Há quanto tempo você mora na comunidade?
4. Como você (ou sua família) chegou na comunidade?
5. Como você aprendeu a usar as plantas medicinais?
6. Com quem você aprendeu?
7. Fale sobre seu conhecimento... ele é importante? Por quê?
8. Como você avalia a produção dos medicamentos pela comunidade?
9. Você já ensinou seus saberes para alguém? Para quem?
10. Como você ensina?

Nova Revista Amazônica

[CAPA](#) [SOBRE](#) [ACESSO](#) [CADASTRO](#)
[PESQUISA](#) [ATUAL](#) [ANTERIORES](#) [NOTÍCIAS](#)

[Capa](#) » [Sobre a revista](#) » [Submissões](#)

- [Submissões Online](#)
- [Diretrizes para Autores](#)
- [Declaração de Direito Autoral](#)
- [Política de Privacidade](#)

Submissões Online

Já possui um login/senha de acesso à revista Nova Revista Amazônica?

[ACESSO](#)

Não tem login/senha?

[ACESSE A PÁGINA DE CADASTRO](#)

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso.

Diretrizes para Autores

Diretrizes para Autores

Recomendamos a LEITURA INTEGRAL das normas aqui apresentadas antes de submeter seu manuscrito.

1. Condições para submissão do material

1.1. Para enviar contribuições à Nova Revista Amazônica - NRA, o autor deverá acessar a página da revista e cadastrar-se como autor. Em seguida, com login e senha,

USUÁRIO

Login

Senha

Lembrar usuário

[ACESSO](#)

NOTIFICAÇÕES

[Visualizar](#)

[Assinar](#)

IDIOMA

Selecione o idioma

Português ()

[SUBMETTER](#)

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa

Escopo da Busca

Todos

[PESQUISAR](#)

Procurar

[Por Edição](#)

[Por Autor](#)

[Por título](#)

deverá submeter seu material, de acordo com estas diretrizes de publicação para autores

1.2. A NRA adota a **avaliação por pares cega**. Para garantir o anonimato e avaliação cega de pares, pede-se aos autores que antes de submeter o material para avaliação, adotem os seguintes procedimentos:

1.2.1. Retirem do artigo quaisquer informações que permitam a identificação dos proponentes, bem como **nomes de autores, e-mails e filiação institucional, colocando-as em folha de rosto a parte**, que deverá ser enviada como documento suplementar no ato da submissão do material, no site da revista.

1.2.2. Nos documentos do Microsoft Office, a identificação do autor deverá ser removida das propriedades do documento, clicando no menu principal do aplicativo da Microsoft: Arquivo> Salvar como> Ferramentas (ou opções no Mac)> Segurança> Remover informações pessoais das propriedades do arquivo ao salvar > Salvar.

1.3. A contribuição deverá ser original e inédita, e não deve está sendo avaliada para publicação por outra revista. O arquivo da submissão deve estar em formato Microsoft Word.

1.4. Para artigos, resenhas, ensaios etnográficos, crônicas etnográficas, vídeos etnográficos pelo menos um/uma dos/as proponentes deverá ter o título de doutor/a. Para entrevistas, o autor deve ter titulação de doutor e possuir produção relevante no campo das humanidades.

1.5. Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à NRA o direito de primeira publicação em versão eletrônica e impressa.

1.6. A quantidade máxima de autores são quatro (4), sendo que pelo menos um dos autores deve ter o título de doutor.

1.7. Os trabalhos que não estiverem adequados às normas descritas adiante serão devolvidos aos autores.

2. Normas Gerais

a) Folha – formato ofício – A4, 21 cm x 29, 7 cm;

Outras revistas

TAMANHO DE FONTE

b) Margens: superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm;

c) Digitação: Times New Roman, tamanho 12, no corpo do texto e nas referências; e tamanho 10 nas citações com mais de 3 linhas, notas e rodapés;

d) Indicativo da seção: numeral que vem antes do título da seção, alinhado à margem esquerda, em algarismos arábicos, separados do seu título por apenas um espaço, com recuo de primeira linha de 1 cm, ou equivalente a um toque na tecla TAB do computador;

e) Títulos: Colocado no início do trabalho, a 3 cm da borda superior, em caixa alta, em negrito, em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento centralizado, separados por um espaço simples do texto anterior e do texto posterior. Se houver subtítulo, deve ser separado do título principal, por dois pontos. Entre título e subtítulo, espaçamento simples;

f) Nome dos autores: Deve constar logo abaixo do título principal o nome completo do (s) autor (s), em ordem normal, caixa baixa, alinhado à direita, tamanho 11, seguido de uma chamada de nota de rodapé, tamanho 10, onde devem constar a titulação do (s) autor (es), sua filiação institucional, e o endereço eletrônico de e-mail. Entre o título e o nome do autor, o espaçamento é simples sem negrito;

g) Espaçamento: Espaçamento **simples** entre linhas do corpo do texto, assim como nos resumos, citações com mais de 3 linhas, notas e rodapés (NBR 6022/2018) e referências.

h) Entrada de parágrafo: de 1,25 ou o equivalente a um toque na tecla TAB do computador;

i) Citações: **citações diretas breves** de até três (3) linhas são incluídas no corpo do texto, com aspas, no mesmo tamanho da fonte do texto. Porém, **citações longas** são destacadas do texto, com recuo de **4 cm** da margem esquerda, fonte 10 e com espaçamento simples;

j) Imagens e tabelas: devem ser autoexplicativos, isto é, precisam dialogar com o conteúdo apresentado, sem necessitar recorrer ao texto, estando o mais próximo possível do texto a que se refere. Devem possuir suas

respectivas fontes em tamanho 11, mesmo que tenham sido feitas pelo próprio autor do trabalho;

k) Para as imagens, a identificação deve ser feita na parte superior da imagem, centralizada, com a palavra designativa em letras minúsculas, sendo a primeira escrita em maiúscula. Por exemplo: **Figura 1**- Divisão de etapas de funcionamento. As imagens devem ser no formato paisagem ou retrato e devem estar alinhadas à margem do texto.

l) Para as tabelas: devem ser numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, que seguem a palavra “Tabela” com alinhamento centralizado, com a palavra designativa em letras minúsculas, sendo a primeira escrita em maiúscula, posicionada na parte superior. Exemplo: **Tabela 1** - Quantitativo de alunos; seguida pelas colunas. O conteúdo da tabela deve estar em fonte Times New Roman, tamanho 10.

m) Siglas: quando ocorre pela primeira vez a palavra no texto, deve ser escrita em forma completa, em minúscula, seguida pela sigla, que vem colocada em parênteses, em maiúsculo. **Exemplo**: Universidade Federal do Pará (UFPA);

n) Paginação: as páginas dos trabalhos submetidos à Nova Revista Amazônica (NRA) **não** podem ser numeradas;

o) Palavras em língua estrangeira e indígena: Devem ser destacadas em estilo de fonte itálico no texto. Exemplo: *fast - food*; *puã* (redondo);

p) Sobre as Referências: A entrada de autores nas referências (no final do artigo) deverá ser idêntica àquela feita para as citações no texto e deverá, igualmente, seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): NBR 6023/2018 (2.ed.), bem como suas alterações realizadas na atualização da norma;

Veja o [TEMPLATE DA SUBMISSÃO](#)

3. Normas específicas

3.1 Artigos

a) Os textos dos artigos devem conter entre 10 e 20 laudas;

b) Resumo em língua portuguesa e em língua estrangeira: a palavra “resumo” deve ser escrita em caixa alta, centralizada, tamanho 11, em negrito, **seguida do texto**, com espaço de uma linha entre a palavra “resumo” e o texto, cuja redação deve ser feita em parágrafo único, espaçamento simples, tamanho 11, utilizando a terceira pessoa do singular e os verbos escritos na voz ativa;

c) Palavras-chave: colocadas após o resumo, espaçamento de uma (1) linha, deve conter três (3) a quatro (4) palavras, com inicial em maiúscula e as demais em minúsculo, separadas por ponto e concludas por ponto. São aceitos resumos em inglês, francês e espanhol. A expressão “**palavras-chave**” deve ser negritada e em caixa Baixa.

3.2. Resenhas

a) Os textos direcionados a essa seção **não** devem ultrapassar o limite de seis (06) laudas;

b) Serão aceitos textos referentes a obras editadas há no máximo 03 anos, e, no caso de reedições, justificar sua pertinência devido às suas atualizações;

3.3. Ensaaios etnofotográficos

É um texto imagético estruturado com uma pequena introdução escrita, seguida com imagens das rotinas de trabalho em campo, das representações culturais e outras formas artísticas que valorizam a imagem etnográfica sustentada na leitura antropológica do *lôcus* de pesquisa.

a) Os textos direcionados a essa seção **não** devem ultrapassar o limite de sete (07) laudas, com texto escrito de 1 a 2 páginas e devem conter no máximo 10 imagens.

b) As imagens terão as seguintes especificações: sem legenda, devem dialogar com o texto narrativo e possuir as seguintes especificações: Paisagem (altura de 11,5 cm e largura de 16 cm). Retrato (a imagem deve estar numa única página alinhada à margem do conteúdo escrito do ensaio).

c) As imagens utilizadas não podem ter problemas autorais.

3.4. Crônicas Etnográficas

São narrativas compiladas com fatos verídicos a partir de experiências vivenciadas nas pesquisas feitas na academia, estabelecendo um diálogo entre antropologia e a linguagem literária (sugestão de leitura “Tristes Trópicos de Claude Lévi-Strauss”).

a) Os textos direcionados a essa seção devem ter de 1 a 2 laudas; uso de imagem é facultativo; não é necessária referências.

b) **Título da crônica:** deve possuir apenas o título principal, com alinhamento centralizado, caixa alta, tamanho 12, separados por um espaçamento simples do texto anterior e do texto posterior. Primeiro deve constar o título em Língua Portuguesa e em seguida a tradução em língua estrangeira.

3.5. Vídeos etnográficos

É um processo de produção, e epistemológico, a partir de uma linguagem visual em movimento, com o objetivo de transmitir conhecimentos, representando uma realidade de comunicação de determinados aspectos de uma cultura.

a) O título deve ser escrito em língua portuguesa e inglesa;

b) **Sinopse:** a palavra **Sinopse** deve estar em português, caixa alta, seguida de dois pontos. Na sequência, o texto escrito em parágrafo único, alinhamento justificado, sem recuo de primeira linha, espaçamento simples, fonte Times New Roman, tamanho 12;

c) **Synopsis:** a palavra **Synopsis** deve estar em língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol) caixa alta, seguida de dois pontos. Na mesma linha, o texto escrito em inglês, francês ou espanhol, parágrafo único, alinhamento justificado, sem recuo de primeira linha, espaçamento simples, fonte Times New Roman, tamanho 12;

d) **Ficha técnica com equipe de trabalho e créditos;**

e) Os vídeos devem ser de até 10 min. e filmados com equipamentos que garantam uma boa resolução (resolução de celular 640 x480 pixels).

3.6. Entrevistas

a) O número de laudas **não** deve ultrapassar seis (6);

b) Os trabalhos devem apresentar os seguintes elementos: Título; – Título em inglês; – Nome do Entrevistado e do Entrevistador; – Apresentação da entrevista e do entrevistado; – Transcrição; – Breve biografia do entrevistador com, no máximo, três linhas e e-mail.

"O conteúdo expresso no trabalho é de inteira responsabilidade do(s) autor(es). Os trabalhos que não estiverem de acordo com as Normas da NRA serão devolvidos para correção, cabendo ao(s) autor(es) o cumprimento de prazos para devolução e posterior publicação"

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.
3. URLs para as referências foram informadas quando possível.
4. O texto está em espaço simples; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#),

na página Sobre a Revista.

6. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em [Assegurando a avaliação pelos pares cega](#) foram seguidas.

Declaração de Direito Autoral

A Nova Revista Amazônica oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo, não cobra taxas para submissão, nem para o processamento e publicação dos trabalhos, pois acredita no compartilhamento gratuito do conhecimento científico ao público e na democratização mundial do conhecimento. Procede, ainda, a divulgação da revista em diferentes mídias sociais de modo que a revista possa ter maior alcance e circulação.

Licença [Creative Commons - Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional](#).

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão utilizados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outros fins ou a terceiros.

Indexadores e bases/Indexes and Bases



